

# LITERATURA E CINEMA: A TRANSITORIEDADE DA ARTE NAS ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS

\*\*\*

## LITERATURE AND CINEMA: THE TRANSITION OF ART IN CINEMATOGRAPHIC ADAPTATIONS

Maciel da Paixão Borges (UNEMAT)<sup>1</sup>  
Agnaldo Rodrigues da Silva<sup>2</sup>

**Recebimento do Texto:** 05/05/2022

**Data de Aceite:** 02/06/2022

**RESUMO:** Busca-se neste artigo explicitar os processos de adaptações de textos literários para a criação de filmes, compreendendo que tais processos engendram um texto novo e autônomo, desarticulando, por sua vez, a ideia de que a qualidade do filme depende do quão fidedigno ele é em relação à obra literária. Em relação à linguagem, ressalta-se o viés múltiplo da linguagem fílmica, enquanto a forma de expressão da arte literária está restrita ao texto escrito. Nesse sentido, propõe-se discutir questões que entrelaçam literatura e cinema, para defender a premissa de que a particularidade da linguagem cinematográfica é diferente da linguagem literária, considerando a peculiaridade de cada uma dessas artes. Para tanto, a análise está ancorada no referencial teórico da Literatura Comparada, a partir dos estudos de Figueiredo (2011), Hutcheon (2011), Rey (1989), Xavier (2003), entre outros autores.

**Palavras-chave:** Literatura. Cinema. Adaptação cinematográfica.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to explain the adaptation processes of literary texts for the creation of films, understanding that such processes engender a new and autonomous text, dismantling, in turn, the idea that the quality of the film depends on how reliable it is. he is in relation to the literary work. Regarding language, the multiple bias of filmic language is highlighted, while the form of expression of literary art is restricted to the written text. In this sense, it is proposed to discuss issues that intertwine literature and cinema, to defend the premise that the particularity of cinematographic language is different from literary language, considering the peculiarity of each of these arts. Therefore, the analysis is anchored in the theoretical framework of Comparative Literature, based on studies by Figueiredo (2011), Hutcheon (2011), Rey (1989), Xavier (2003), among other authors.

**Keywords:** Literature. Movie theater. Film adaptation.

---

1 Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* Tangará da Serra.

2 Docente na Universidade do Estado de Mato Grosso.

## Introdução

Muitas obras literárias têm sido adaptadas ao cinema. Diante disso, foram surgindo inúmeras discussões em relação à interpretação do livro pelos roteiristas e cineastas. Por esse motivo, o filme tem sido, geralmente, analisado para ver se a interpretação do cineasta/roteirista está próxima ou desviada do texto de origem, considerando que a fidelidade ao original é um aspecto básico, para que o filme seja, posteriormente, classificado como uma boa ou má adaptação.

Essa visão, no entanto, sofreu mudanças significativas nas últimas décadas. Atualmente, a maioria dos estudos que visam a análise de adaptações de textos literários para filmes reconhece que os cineastas têm o direito de ler e interpretar as próprias obras, bem como a de realizar as mudanças necessárias à adaptação de um meio para outro. Desse modo, a fidelidade ao original deixa de ser o principal critério de julgamento, uma vez que valoriza o filme como uma nova experiência, que traz aspectos que auxiliam na construção dos sentidos da nova arte.

Essas considerações preliminares estimularam o desenvolvimento de pesquisas, que reconhecem o direito dos produtores de filmes de interpretar livremente textos literários, sobretudo os romances. Afinal, no processo de adaptação de uma obra, é natural que o texto literário mude, mesmo que seja devido ao tempo e às características da linguagem do filme como a imagem, o som e o palco dos atores, trazendo aspectos que estimulem os telespectadores e a venda da obra cinematográfica. Nesses termos, considerando que

[...] a literatura não era apenas um repositório de histórias e técnicas narrativas a que o cinema poderia recorrer, era, assim como as outras artes mais antigas, também um exemplo a seguir no que diz respeito ao processo de constituição de um campo autônomo; ou seja, tratava -se, para o cinema, de alcançar o patamar de “dignidade cultural” que a literatura havia conquistado ao afastar-se tanto das narrativas populares quanto da incipiente cultura de massa sujeita à lógica do mercado. Em tempo concentrado, uma vertente do cinema repete esta trajetória, distanciando-se tanto de suas origens como espetáculo popular como de sua vocação comercial. (FIGUEIREDO, 2011, p.16, grifos do autor).

Desse modo, o objetivo aqui não consiste em defender a fidelidade do texto adaptado a seu texto fonte, ou apenas enfatizar a proximidade e a diferença do discurso entre os dois objetos de estudo. Pretende-se, tão somente, explicitar o modo como foi se constituindo uma possibilidade de analisar a linguagem fílmica, de modo a enxergá-la como uma arte autônoma. A análise sob uma ótica mais ampla visa compreender os processos de adaptações de textos literários, para a criação de filmes, procurando mostrar que, mesmo baseados em histórias escritas anteriormente, tornam-se um texto novo e autônomo, que deve ser entendido com sua especificidade própria.

Este trabalho está organizado em quatro subitens, que discutem algumas reflexões de estudiosos sobre o modo como a linguagem cinematográfica foi concebida na história. Assim, na primeira parte deste artigo são levantadas algumas questões relacionadas à literatura e cinema, entendendo que estas duas formas de arte apresentam diferenças e semelhanças próprias para além do óbvio, cada uma com as suas características. Para tanto, procura-se apresentar concepções de leitura de diferentes autores sobre as adaptações cinematográficas de textos literários, que sofrem alterações no decorrer do tempo e em decorrência do campo da pesquisa comparativa que delinea as interartes.

## **A interseccionalidade interarte: literatura no cinema ou cinema na literatura?**

No passado e no presente, muitas vezes, entendidos como duas artes opostas, literatura e cinema, em constante construção e diálogo, vão se relacionando cada vez mais. Porém, por muito tempo, a literatura ocupou um espaço superior e de maior prestígio em relação à sétima arte. A literatura é entendida por muitos como um campo de conhecimento de maior qualidade, considerada como única fonte de crítica e reflexão, enquanto o cinema é um local de entretenimento e lazer. Contudo, com o passar do tempo, o cinema vem sendo, gradativamente, entendido como um campo do conhecimento, proporcionando reflexões que se tornaram objetos de pesquisas e análises diversas.

Nesse sentido, Ismail Xavier (2003), ao discutir a influência dos textos literários, na construção cinematográfica, destaca em seus estudos a influência

dos romances do século XIX nos métodos narrativos cinematográficos. Brito (2006) confirma a mesma relação e salienta que, durante o seu aparecimento, o filme preferiu seguir o padrão tradicional do romance do século XIX, contando uma história com início, meio, e fim, assumindo, dessa forma, que existem três situações ao mesmo tempo: fictícia, narrativa e recorrente. Assim, percebe-se que a relação entre literatura e cinema é tão antiga quanto o próprio filme, pois a construção dessas duas artes está baseada na afinidade entre elas. Essas relações são expressas e concebidas há muitos anos, o diálogo existente entre as duas artes fortalece uma à outra e cria perspectivas diferentes. Figueiredo descreve que, desde o início desse diálogo,

[...] editoras de renome não deixaram de aderir à moda desses textos híbridos e que, em 1925, as edições Gallimard apresentaram uma coleção chamada *Cinário*, cuja perspectiva era diferente da que orientava a publicação de adaptações de romances. *Cinário* aspirava a criar um gênero misto, a meio caminho do roteiro e do romance. Essas iniciativas tinham antecedentes no chamado *roman-cinéma* ou *ciné-roman*, que se expandira, na França, durante a Primeira Guerra Mundial. (FIGUEIREDO, 2011, p.17).

Para ilustrar essa relação, Brito (2006) menciona que o americano David Ward Griffith<sup>3</sup>, em seu livro *Literatura e Cinema*, revela, em vários depoimentos, que não atingiu a descoberta básica da narrativa cinematográfica, em vez disso ele, constantemente, lê os romances do escritor britânico vitoriano Charles Dickens. Nesse ínterim, o referido autor afirma que Griffith inventou uma linguagem cinematográfica específica e verdadeira, embora ela esteja claramente imitando um romance.

Além disso, ao contrário do que geralmente se acredita, os filmes não são apenas inspirados e originados da literatura, uma vez que o oposto pode acontecer. Nessa perspectiva, Jean Epstein analisou a inter-relação entre essas duas artes pontuando que “[...] a literatura moderna está inundada de filmes (...) [e] essa arte misteriosa foi absorvida da literatura”. (EPSTEIN, 1983, p. 269). Para esse autor, literatura e cinema não são opostos e não se anulam, pelo contrário, ambos aproximam o leitor ou espectador da vida da criação artística, bem como

3 Ele é considerado, no mundo, um dos primeiros cineastas e o pai da linguagem cinematográfica.

proporcionam a descoberta e a diversão de construir diferentes significados por meio da arte.

Nesse diapasão, Randal Johnson defende o mesmo raciocínio em seu livro “*Literatura e cinema: do Modernismo na literatura ao novo cinema*”, publicado em 1982. O autor enfatiza que o filme é uma espécie de narrativa (romance) por meio da qual se aproxima da arte da literatura. Com isso, a compreensão de que,

[...] romance e o filme são basicamente iguais em termos de capacidade de significar. Eles significam, sim, diferentemente. Os dois meios, porém, usam e distorcem o tempo e o espaço, e ambos tendem a usar linguagem figurativa ou metafórica. (JOHNSON, 1982, p. 29).

Entretanto, para Johnson, filmes e textos literários são obras de arte distintas, e não serão expressos da mesma forma ou para o mesmo fim, porque, geralmente, nos romances, há uma tendência pela comunicação oral, enquanto nos filmes a comunicação é visual. Nessa compreensão, romances e filmes compartilham narrativas, que podem ser expressas por meio de linguagens diversas.

Para Robert Richardson, em seu livro *Literatura e cinema*, a literatura é concebida como uma espécie de arte visual, e o cinema um ramo da literatura, por isso enumerou uma série de pontos comuns entre ambas as manifestações artísticas. O autor admite que, por mais que seja prestigiada, a literatura não consegue aplicar a fluidez existente nas obras cinematográficas, bem como o cinema não traz em suas cenas, a abstração encontrada nos livros.

Como pode-se ver até aqui, a literatura e o cinema constroem uma relação mútua, sobretudo, porque as influências existentes entre tais artes decorrem dos tipos de filmes baseados em textos literários, assim como as muitas obras literárias que usam filmes como fonte de construção de seus escritos, mesmo porque, nas palavras de Rey (1989)

A adaptação não precisa necessariamente conter tudo que está no livro. Mesmo livros com muita ação têm capítulos monótonos ou vazios. O que importa é que ela seja uma inteira, redonda, completa, sem evidenciar amputações, cortes por falta de tempo, saltos desconcertantes e buracos

entre as sequências. A adaptação requer uma planificação mais exigente do que a criação porque implica numa responsabilidade maior, principalmente quando se trata duma obra conhecida, passível de confrontos. (REY, 1989, p. 59).

Contudo, mesmo que se expressem de diferentes maneiras, os textos literários e os filmes têm semelhanças e particularidades que os unem em vez de separá-los, uma vez que ambos são grandes narrativas com inegável afinidade e se estabelecem com estruturas e modelos específicos. Como confirma Brito (2006, p.76), para o cinema “[...] a literatura é apenas uma inspiração, não uma forma”. Com o tempo, o cinema tornou-se uma arte autônoma, embora a literatura seja utilizada como fonte de inspiração desde o início. No caso das adaptações cinematográficas de textos literários, o filme não depende dela, mas da compreensão e da visão expressa pelo roteirista/cineasta. Nesse prisma,

[...] toda adaptação é uma tentativa. E nela, mais que num roteiro original, a participação da direção, da cenografia e do elenco tem um peso igual ou maior que o do texto. De nada vale uma adaptação honesta e correta, se o visual e a interpretação dos atores não correspondem às sugestões do conto ou do romance adaptado (REY, 1989, p. 63).

Desse modo, ao observar e analisar um filme, que foi adaptado da literatura, a fidelidade ao texto literário deve ser deixada de lado, pois a adaptação fílmica de um determinado livro deve ser analisada como uma obra original e independente de seu texto fonte, sendo uma criação artística nova e única. As semelhanças e diferenças entre as duas artes, literatura e cinema, são significativas, principalmente quando as duas estão mais diretamente relacionadas, no caso da chamada adaptação.

### **(Re)adaptação: da literatura ao cinema**

Os filmes relacionados à literatura, adaptações cinematográficas de textos literários, geralmente, ocupam um espaço secundário. São considerados menos

proeminentes, têm menor importância ou qualidade e são, geralmente, vistos como obra inferior em relação à literatura. A esse respeito, Hutcheon (2011, p. 23) explica que a transição da literatura para o cinema ou a televisão foi referida como “[...] uma forma de cognição deliberadamente inferior”, e foi avaliada por muito tempo como meio de “vulgarização”. A autora, em seus estudos, percebe a superioridade dos textos literários em adaptação e a hostilidade geral em relação à adaptação, argumentando que a avaliação romântica da originalidade e do gênio criativo é uma das fontes de desvalorização do adaptador, a adaptação. (HUTCHEON, 2011). Sob essa perspectiva, a autora diz que “[...] a literatura sempre tem uma vantagem axiomática sobre qualquer adaptação por ser uma forma de arte mais antiga” (HUTCHEON, 2011, p. 24), mas isso se deve à questões estéticas aplicadas ao longo do tempo.

Cabe ressaltar que adaptações, principalmente no cenário contemporâneo, estão aparecendo cada vez mais na cultura, por meio de várias mídias e, constantemente, libertando acadêmicos e críticos de preconceitos ultrapassados. Essas adaptações vêm ocupando gradualmente um espaço reconhecido nas obras científicas, tornando-se objetos de pesquisa que proporcionam análises diversificadas. Afinal, conforme Hutcheon, a “[...] adaptação é uma derivação não derivada, uma segunda obra não menor - é sua própria cópia”. (HUTCHEON, 2011, p. 30).

No que tange ao dialogismo entre literatura e cinema, as comparações são inerentes aos pensamentos humanos, que agem quase inconscientemente com esses preceitos. Como um tipo de criação artística, a literatura se origina da imaginação do homem e pode tornar-se naturalmente objeto de comparação. O objetivo principal de uma pesquisa comparativa é considerar e analisar duas ou mais obras, sendo a analogia o primeiro recurso para uma pesquisa crítica e analítica.

No entanto, esse campo do conhecimento não deve ser entendido como sinônimo de comparação, pois, como alerta Tânia Franco Carvalhal (1986), mesmo na pesquisa comparada, trata-se de um meio e não de um fim. O comparatismo nesse caso, deve ser considerado não pelo procedimento em si, mas como recurso analítico e interpretativo, visto que a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos

objetivos a que se propõe. (CARVALHAL, 1986, p. 7).

Nessa perspectiva, a pesquisa bibliográfica comparada inclui uma variedade de investigações, que podem adotar diferentes métodos e usar uma variedade de objetos de análise para possibilitar a comparação de obras literárias entre si e com outras artes (como pintura, música, drama e filme). Da mesma forma, a comparação é uma ferramenta que pode ajudar o pesquisador a investigar com mais precisão o que pretende fazer, possibilitando-lhe um amplo campo de ação.

Nessa concepção, o cinema atua como a literatura e visa aproximar a paisagem do público, para que ele não apenas veja a vida apresentada por essas artes, mas também a penetre. Ao aproximar os leitores ou o público da vida criada pela arte, do cinema e da literatura, os autores não a descrevem explicitamente, apenas sugerem, deixando, para o público, a alegria da descoberta e construção de sentidos. Assim, os telespectadores e leitores farão a sua própria leitura da obra, assumindo um ponto de vista às adaptações.

É importante mencionar que os textos e roteiros literários são diferentes em vários aspectos da linguagem fílmica. No mundo do cinema, essa ideia é muito comum, ou seja, a adaptação é um processo que envolve a tradução para a linguagem do cinema, e não uma etapa literária ou ilustração. Uma das principais diferenças entre a narrativa literária e a narrativa fílmica é que a primeira possui apenas uma forma de expressão, ou seja, a linguagem verbal, enquanto a narrativa fílmica trabalha com múltiplas linguagens, que podem desempenhar um papel em níveis narrativos mais complexos do que a própria literatura, gerando a

[...] valorização do roteiro como texto com um valor em si, e não apenas como uma ferramenta útil que se abandona após a realização do filme, coloca em pauta questões relativas à autoria da obra cinematográfica e do próprio livro em que se publica o roteiro. (FIGUEIREDO, 2011 p.23).

Além disso, os materiais de desempenho múltiplo se traduzem na possibilidade de descrever diferentes situações ao mesmo tempo. As linguagens literária e cinematográfica têm definições semelhantes. A característica da primeira é contínua e não pode abranger todos os aspectos da realidade que



específica ao mesmo tempo. Ao contrário, a segunda linguagem não é contínua, mas simultânea, porque pode mostrar imediatamente no quadro todos os aspectos de uma mesma realidade que uma narrativa literária deve mostrar, sobretudo com maior imersão do telespectador. Ainda assim, é importante compreender que,

Se a literatura, tal como concebida pela modernidade, é tributária da invenção e do aprimoramento da imprensa, que criaram condições para que se constituísse como um campo diferenciado, regido por regras próprias, o cinema, por seu lado, surge no final do século XIX, também como fruto de avanços técnicos que abriram caminho para o estabelecimento do novo mercado das narrativas visuais. (FIGUEIREDO, 2011, p.16).

Esta é a principal característica dessas duas linguagens, mas também a principal limitação. Na narrativa, no momento da escrita, o acúmulo de opiniões devido à montagem ou multiplicação da tela é impossível, pois o leitor se concentrará apenas em uma informação por vez. Embora a linguagem cinematográfica e a linguagem literária sejam fundamentalmente diferentes, os elementos mais importantes, como tempo, espaço e causalidade são todos conceitos pautados nas histórias literárias e também os conceitos básicos da teoria do cinema.

Em termos de métodos e perspectivas narrativas, o filme aproxima-se de alguma tipologia de textos ficcionais, embora enfrente um problema mais complicado. Primeiramente, pelas suas condições audiovisuais e, em segundo lugar, pela sua natureza dualógica de narrativa e representatividade. Ainda assim, Stam (2005) pontua que o filme complica a narrativa literária ao praticar duas formas narrativas paralelas e que se cruzam: a narrativa oral, seja por meio de voz e/ou discurso do personagem, ou a capacidade do filme de mostrar o mundo e sua aparência sem usar voz e narrativa do personagem.

Já de acordo com Hutcheon (2011), existe um princípio autoevidente na prática da adaptação, ou seja, contar histórias é diferente de mostrá-las por meio de imagens. Logo, ambas as artes são fundamentais, apresentam suas características próprias e contribuem para que a arte tenha um espaço cada vez mais significativo, seja por meio dos livros ou filmes.

## Considerações finais

A partir deste estudo podemos conceber a leitura entre obras literárias e obras cinematográficas, pois ambas recriam um mundo fictício e deixam a responsabilidade de construir uma parte desse mundo para o leitor ou público. Embora a percepção das obras fílmicas seja feita de forma direta, isso não torna o público um agente passivo desse processo. A percepção direta dada pelo cinema é diferente da imagem literária, que é criada pelo leitor e apresentada ao público de forma aberta, mas isso não significa que a imagem cinematográfica não deva ser entendida por meio da digestão intelectual. O público não absorverá as informações do filme sem reflexão, visto que tanto a literatura quanto o filme abrem espaço para que leitores e público construam e descubram parte do mundo da ficção narrativa reconstruída por roteiristas.

Este trabalho abordou as ações de releitura e adaptação do texto literário como expressões sociais que, embora sejam textos-fonte e versões adaptadas, se relacionam de forma autônoma. Logo, deve-se considerar que o cinema tem uma linguagem própria, que independe e difere da literatura, ainda que tenha como fonte o texto literário. O texto fílmico conta uma história a sua maneira, seja um roteiro original ou um roteiro adaptado e a comparação e análises realizadas, nem sempre são possíveis, cabendo ao leitor/expectador a concepção de que, uma arte contribui para o fortalecimento da outra, seja no viés comercial ou social, no contexto em que as obras literárias ou cinematográficas estão imersas.

## Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador. In **Obras escolhidas I – Magia e Técnica – Arte e Política**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-222.

BRITO, João Batista de. **Literatura no cinema**. São Paulo: Unimarco, 2006.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1986.

EPSTEIN, Jean. **O cinema do diabo**. Tradução: Marcelle Pithon. In: XAVIER, Ismail (org). **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilme, 1983.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Literatura e cinema: interseções. **Revista de Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 37. Brasília, 2011, p. 13-26.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução: André Cechnel. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

JOHNSON, Randal. **Literatura e cinema**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.

REY, M. **O roteirista profissional tv e cinema**. São Paulo: Ática, 1989.

RICHARDSON, Robert. **Literatura e Filme**. Indiana University Press, 1973. (Tradução adaptada).

XAVIER, Ismail. **Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema**. In: PELLEGRINI, Tânia. et al. Literatura, Cinema e Televisão. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Cultural, 2003.